

ENVELHE(S)ER: CONSOLAÇÕES DA LITERATURA

1

Cristina Momberger Zanferrari¹

*“Deus é mais belo que eu.
E não é jovem.
Isto sim, é consolo.”*

*“Desejo a máquina do tempo
para que não haja o havido
e eu recomece misericordiosamente.”
Adélia Prado*

ERA UMA VEZ... OU CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Atire o primeiro livro quem nunca se identificou com os sentimentos e experiências de algum personagem literário ou com a emotividade expressa em um poema. É praticamente impossível ficar imune a uma história bem contada ou a uma poesia extravasada. Isso porque a literatura, mais do que fruição, proporciona muitas vezes alívio e amparo à nossa condição de ser humano. Em outras palavras: a literatura nos ajuda a viver.

Gabriel Perissé, escritor e educador, costuma dizer que quando lemos pra valer “suspendem-se as lamentações.” Ou seja, imersos no universo ficcional, esquecemos momentaneamente de nós mesmos, de nossos problemas, de nossas dores, de nossos lamentos. Mergulhados na vida alheia, a dos personagens, damos lugar à imaginação e ao deleite, e mal nos damos conta de que a vida imaginária está impregnada da vida real. Sim, porque as tantas vidas inventadas nos livros em nada diferem da realidade que nos é inexorável: o fato de que somos seres humanos. Dessa condição, emerge uma verdade literária: não há sentimento humano que não possa ser (ou já não tenha sido) explorado pela ficção.

Assim, quando dizemos que a literatura nos ajuda a viver é porque o condão do faz-de-conta nos toca e nos transforma, nos modifica, nos transmuda de tal maneira que todo o nosso ser já não é mais o mesmo. Entre a história_ ou o poema_ e o leitor, não há mais fronteiras. A palavra cria laços, como bem explica Brandão (2006):

Eu conto porque creio nas palavras. Creio na sua pesada amorosa substância. Creio que, como os gestos _ e é ela outra coisa mais ou menos do que um gesto?_, a minha fala cria laços. Eu, que me dou quando confesso minha vida, minha fração silenciada antes dela, enlaço o outro. Trago-o para mim. Não apenas eu nunca mais serei o mesmo, porque narrei a ele, mas ele também. Ele nunca mais será o mesmo [...]. Agora somos.

Laços criados, seguiremos de mãos dadas com a literatura e ela há de se nos revelar uma companheira fiel também quando a velhice chegar. É, pois, sobre a literatura e o envelhecer que queremos agora conversar.

DA VELHICE NA LITERATURA

*“E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?”*

Carlos Drummond de Andrade

Quando o senhor Silva ficou viúvo de sua Laura, o casal de filhos confinou-o em um lar para idosos. E eis que da solidão inicial sobreveio, com o passar dos dias, uma possibilidade de amizades, de significado e sentido a preencher o vazio dos dias restantes aos seus 84 anos de idade. No lar, o que ele mais tinha era tudo o que mais lhe faltara no cumprimento rotineiro de seu trabalho e de sua vida familiar. Lá, ele finalmente tinha... tempo! Tempo para refletir, para recordar, para chorar, para expiar suas culpas, para lamentar suas dores, mas, sobretudo, tempo para a alegria e o contentamento de cultivar amigos.

O senhor Silva nunca existiu. E, no entanto, ele existe para sempre. Sua história acontece sempre de novo, indefinidamente, a cada vez que alguém abre as páginas de *a máquina de fazer espanhóis*². Através do senhor Silva, o angolano Valter Hugo Mãe nos conduz em uma experiência arrebatadora: ora vivenciamos o estado de choque ou de comoção, ora nos alegamos ou nos enchemos de infinita esperança. Um legítimo carrossel de emoções. Mas por que nos sentimos assim diante de uma história inventada?

Simplesmente, porque o senhor Silva que encontramos nas páginas do livro pode ser um nosso familiar, parente, amigo ou conhecido. Sim, porque a literatura é

pura emanção da própria vida. Através da ficção, reconhecemos sentimentos e experiências que nos são familiares porque essencialmente humanos.

Não raro, por exemplo, nos distraímos a fazer um uso da linguagem que nos permite eufemizar as duras verdades da vida. Por isso, optamos por referir “casa de repouso” em lugar de “asilo”, como se a escolha lexical de fato tivesse o poder de amenizar as dores de quem lá é dado a viver ou de aliviar a culpa de quem decide o destino de outrem. “a Laura morreu, pegaram em mim e puseram-me no lar com dois sacos de roupa e um álbum de fotografias. foi o que fizeram. [...] o lar da feliz idade, assim se chama o matadouro para onde fui metido. que irônico nome [...]”, avalia o senhor Silva. Para ele, vida é o que acontece “lá fora”. E como, então, não se comover diante da pungência com que ele relata as visitas da filha Elisa?

a elisa visitou-me. vinha sozinha num breve momento em que lhe apeteceu ver-me. [...] a elisa não trazia notícias nenhuma e, subitamente, dei por mim a dar-lhe conta da vida no lar. foi uma estranha sensação a de entender que, afinal, entregava os pontos à minha filha, fragilizando-me daquela maneira, confiando no seu discernimento para guardar as minhas e as peripécias dos outros velhos, como se lhe pusesse na mão e me reconfortasse na sua confissão. ela não viera contar-me nada, percebi quase dramaticamente, viera ouvir, fazendo as vezes da filha preocupada que, com aquela dedicação, acompanhava a minha velhice aborrecida e triste. o doutor bernardo, depois, trocava umas palavras com ela. seguramente alegravam-se os dois por o tolo do velho estar mais amestrado, amansado como convinha para não levantar problemas nem criar angústias grandes a quem tem ainda uma vida. (p.166)

Sim, a velhice é pautada por inúmeras perdas, como várias passagens do romance de Valter Hugo Mãe nos dão a conhecer. Mas nem tudo são sofrimentos no lar da feliz idade, pois os ares da alegria e do contentamento também sopram nos restantes anos do senhor Silva. Para além da crítica ao governo salazarista e da melancólica constatação de que “o regime se nos metia pela pele adentro como um vírus”, o senhor Silva de nossa história ensina e emociona toda vez que nos fala de amizade. Assim, em uma conversa com o enfermeiro-amigo, Américo, ele confessa:

[...] precisava deste resto de solidão para aprender sobre este resto de companhia. este resto de vida, américo, que eu julguei já ser um excesso, uma aberração, deu-me estes amigos. e eu que nunca percebi a amizade, nunca esperei nada da solidariedade, apenas da contingência da coabitação, um certo ir obedecendo, ser carneiro. eu precisava deste resto de solidão para aprender sobre este resto de amizade. hoje percebo que tenho pena da minha Laura por não ter sido ela a sobreviver-me e a encontrar nas suas dores caminhos quase insondáveis para novas realidades, para os outros. os outros, américo, justificam suficientemente a vida, e eu nunca o diria. (p.237)

A história do senhor Silva é, portanto, também a nossa história de alguma forma,

afinal, se ainda não estamos velhos ao menos estamos todos a caminho. Mas é nossa história também e, sobretudo, porque trata de questões existenciais, sem as quais é impossível ao homem reconhecer-se como tal no mundo. As questões existenciais são, portanto, o que há de mais universal na literatura.

O universo ficcional é povoado de velhos, personagens dos mais rabugentos (por exemplo, o velho Scrooge, do clássico *Um conto de Natal*, de Charles Dickens) aos mais simpáticos (a Dona Benta, de Monteiro Lobato). Todos eles representam a natureza humana e os mais diferentes modos de se envelhecer. Aliás, essas diferenças não se limitam à individualidade dos personagens, mas compreendem também uma visão cultural do envelhecimento. Na cultura africana, por exemplo, o idoso tem seu valor legitimado pela sabedoria adquirida ao longo da vida. É por meio dele que se transmitem os valores tradicionais, a herança cultural de seus antepassados. Majoritariamente iletrado, o povo africano depende da narrativa oralizada e da memória dos seus velhos para conhecer seu passado e sua história, e é por isso que se diz que “quando morre um africano idoso, é como se se queimasse uma biblioteca”.

Nas obras do moçambicano Mia Couto, essa valorização e respeito ao velho se manifestam na figura do avô, em geral figurativizado como um sábio conselheiro, como acontece no conto *O rio das Quatro Luzes*. Conta a história que um menino ao ver passar um cortejo fúnebre, manifestou à mãe o desejo de também “ir em caixa daquelas.” A mãe, sobressaltada com a manifestação do filho, pediu ao pai da criança que fosse ter com o menino, que alegou não encontrar alegria em ser um infante e que, por isso, queria apressar sua partida deste mundo. Tão forte era seu desejo que acabou por fazer um pacto com o avô: trocariam de lugar quando fosse chegada a hora final do velho. E assim, o menino passa a visitar o avô com ansiedades de encontrá-lo doente, a fim de efetuar a desejada e derradeira troca. Mas o que o menino recebe é puro ensinamento de como se fazer contente:

Conselho do avô: ele que, entretanto, fosse meninando, distraído nos brincados. Que, ainda agora, o que ele se lembrava era o mais antigo de sua existência. E lhe contou os lugares secretos de sua infância, mostrou-lhe as grutas junto ao rio, perseguiram borboletas, adivinharam pegadas de bichos. O menino, sem saber, se iniciava nos amplos territórios da infância. Na companhia do avô, o moço se criava, convertido em menino. A voz antiga era o pátio onde ele se adornava de folguedos. E assim sendo. (COUTO, 2009, p.113)

14 E os ensinamentos do avô não se limitam ao menino: é preciso sensibilizar os pais para o contentamento da convivência e dos afetos. E eis como o velho o faz:

Uma certa tarde, o avô visitou a casa dos seus filhos, sentou-se na sala e ordenou que o neto saísse. Queria falar, a sós, com os pais da criança. E o velho deu entendimento: criança é como amor, não se desempenha sozinha. Faltava aos pais serem filhos, juntarem-se miúdos com o miúdo. Faltava aceitarem despír a idade,

desobedecer ao tempo, esquivar-se do corpo e do juízo. Esse é o milagre que um filho oferece_ nascermos em outras vidas. E mais nada falou (Ibidem).

Também no conto *Nas águas do tempo*, a presença do avô é feita de ternuras, encantos e ensinamentos, além de admiração: “O avô era um homem em flagrante infância, sempre arrebatado pela novidade de viver”, “[...] frente ao meu espanto, ele [o avô] seguia em passo sabido”. Nessa narrativa, o avô ministra ao neto conhecimentos sobre o ciclo da vida, sobre o mundo visível e o mundo metafísico, através de passeios de barco pelo rio:

Meu avô, nesses dias, me levava rio abaixo, enfilado em seu pequeno concho. Ele remava, devagaroso, somente raspando o remo na correnteza. O barquito cabecinhava, onda cá, onda lá, parecendo ir mais sozinho que um tronco desabandonado. _ *Mas vocês vão aonde?*
Era a aflição de minha mãe. O velho sorria. Os dentes, nele, eram um artigo indefinido. Vovô era dos que se calam por saber e conversam mesmo sem nada falarem (COUTO, 2012, p.09).

Ao conduzir o neto pelo rio, que desemboca num lago, o velho estabelece contato com o mundo dos mortos, simbolizado pelos panos brancos em aceno, e, ao final, realiza ele próprio a passagem de uma margem à outra, isto é, da vida para a morte. Nas sociedades africanas, o contato entre vivos e mortos é uma premissa religiosa, algo natural, e o papel do avô, nesse conto, é justamente o de iniciar o neto nas artes da comunicação com o sobrenatural. Obviamente que a história toda é uma metáfora que simboliza a passagem, do velho para o jovem, das tradições e valores da cultura africana. Isso se evidencia ao final do conto quando o neto, já adulto, retorna ao rio com seu próprio filho:

Enquanto remava um demorado regresso, me vinham à lembrança as velhas palavras de meu velho avô: a água e o tempo são irmãos gêmeos, nascidos do mesmo ventre. E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer. A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando a vislumbrar os brancos panos da outra margem (Ibidem, p.14).

O papel dos avós como zeladores das tradições e costumes de sua sociedade também aparece em algumas histórias de Couto. Em *A avó*, a cidade e o semáforo, o neto tem de sair de sua aldeia para receber uma premiação na cidade grande. Ao comunicar à avó que irá se hospedar em um hotel, a idosa se enche de preocupações: “*Hotel? Mas é casa de quem?*”, “*E, lá, quem lhe faz o prato?*”, “*Vai deitar em cama que uma qualquer lençolou?*”. Os questionamentos da velha, aos olhos do neto, são plenamente justificados pelos costumes e crenças locais:

Cozinhar é o mais privado e arriscado acto. No alimento se coloca ternura ou ódio. Na panela se verte tempero ou veneno. Quem assegurava a pureza da pe-neira e do pilão? Como podia eu deixar essa tarefa, tão íntima, ficar em mão anônima? Nem pensar, nunca tal se viu, sujeitar-se a um cozinheiro de que nem o rosto se conhece.

_ Cozinhar não é serviço, meu neto_ disse ela._ Cozinhar é um modo de amar os outros (COUTO, 2009, p.126).

E mais adiante:

Não ter família, lá na cidade, era coisa que não lhe cabia. A pessoa viaja é para ser esperado, do outro lado a mão de gente que é nossa, com nome e história. Como um laço que pede as duas pontas. Agora, eu dirigir-me para lugar incógnito onde se deslavavam os nomes! Para a avó, um país estrangeiro começa onde já não reconhecemos parente. [...]Na aldeia era simples: todos dormiam despídos, enrolados numa capulana ou numa manta conforme os climas. Mas lá, na cidade, o dormente vai para o sono todo vestido. E isso minha avó achava de mais. Não é nus que somos vulneráveis. Vestidos é que somos visitados pelas valoyi [feiticeiras] e ficamos à disposição dos seus intentos (Ibidem).

Neste mesmo conto, entretanto, Mía Couto deixa entrever, como em outras tantas suas histórias, que pouco a pouco o valor do velho na África pós-colonial vem cedendo espaço a uma nova cultura, que não mais reverencia o idoso, nem mais o trata com as costumeiras deferências. No conto em questão, a avó resolve acompanhar o neto à cidade, e acaba por lá ficar, mendigando junto de outros pedintes num cruzamento de semáforos. O neto protesta (“*Vai ficar, como? [...] Vai ficar sozinha?*”), quer levá-la de volta às origens, ao que ela rebate: “*Lá, na aldeia, ainda estou mais sozinha.*”

Esse sentimento de solidão, tantas vezes característico ao envelhecimento, com frequência decorre da falta de interação dos próprios familiares com o idoso. Liberdade de escolha, tomada de decisões, exercício de seus desejos e anseios, tudo parece ser confiscado pelos adultos (filhos), que consideram seus velhos inaptos a gerenciar a própria vida. Tolhidos no exercício de sua alteridade, esses velhos sentem-se solitários mesmo quando entre os seus.

Ainda na literatura de Mía Couto, o conto *Noventa e três* tem como tônica o aniversário do avô, quando, à conta dos festejos, filhos, netos e bisnetos encheram a casa, já que “em nenhum outro dia os outros dele se recordavam”. Descrito como um ser “poeirando com os demais objetos da sala”, o avô entre os familiares já com eles não tem mais familiaridade: “Os convidados ficam um tempito junto dele, não sabem o que dizer, não há quase nada a dizer, o velho ouve só acima das gritarias.”

Mal sabem os parentes (“Nunca lhe notaram essas ausências”), que o avô todos os dias dá uma escapadela do lar para se encontrar no jardim público com “seus dois vigentes amigos”: Ditinho, menino de rua, e um gato silvestre. É com eles que o velho se sente ouvido, respeitado, e amado. E é por isso que são eles quem mais lhe fazem falta na festa: “Esses, sim, mereciam pensamento. Só para eles, vadios do jardim, ele se sentia avô” (COUTO, 2012, p.60).

Mas nem tudo são descaminhos no itinerário da senilidade. Há também sur-

presas e aprendizagens à espera. Muitos personagens_ ou poemas_ evidenciam e valorizam essas experiências e, inclusive, as de cunho sexual, demonstrando que nem tudo acaba quando acaba a mocidade. É o caso do protagonista de *Fantasma sai de cena*, um escritor em franco declínio de sua saúde física, mas intelectualmente ativo e surpreendentemente apaixonado por uma mulher trinta anos mais jovem:

Eu estava descobrindo, aos setenta e um anos, o que é estar tresloucado. Provando que a autodescoberta, afinal, nunca termina. Provando que o drama normalmente associado aos jovens quando dão início à vida adulta _ os adolescentes [...]_ também pode surpreender e dominar os idosos (até aqueles que estão firmemente decididos a não sucumbir a qualquer espécie de drama), mesmo em circunstâncias que indicam a proximidade do fim (ROTH, 2008, p.120).

Os desejos, portanto, não sucumbem de todo à passagem do tempo e, ao contrário, podem se constituir em motor para as engrenagens que dão sentido à própria vida, como o constata o velho jornalista que, às vésperas de completar seus noventa anos, (re) descobre vontades insuspeitas:

Pensei: Aí estão chegando os meus noventa anos. Jamais saberei por quê, nem pretendo, mas foi ao conjuro daquela evocação arrasadora que decidi telefonar para Rosa Cabarcas [dona de um prostíbulo] pedindo ajuda para honrar meu aniversário com uma noite libertina. Fazia anos que estava na santa paz com meu corpo, dedicado à releitura diária dos meus clássicos e a meus programas privados de música culta, mas o desejo daquele dia foi tão urgente que me pareceu um recado de Deus (GARCIA MARQUEZ, 2009, p.15).

É, pois, através desse ancião, personificado em *Memórias de minhas putas tristes*, que o colombiano Gabriel García Márquez desvela mistérios e sabedorias da velhice: “Minha vida sexual não me preocupou nunca [...] é um triunfo da vida que a memória dos velhos se perca para as coisas que não são essenciais, mas raras vezes falhe para as que de verdade nos interessam.”

É ainda na pele do nonagenário que podemos refletir sobre outro aspecto crucial do envelhecimento: a dificuldade de admitir ou reconhecer que se está envelhecendo: “A verdade é que as primeiras mudanças são tão lentas que mal se notam, e a gente continua se vendo por dentro como sempre foi, mas de fora os outros reparam.” Eis porque o olhar sobre a velhice é sempre alheio, isto é, velhos sempre nos parecem os outros.

O tema da sexualidade na idade crepuscular também encontra eco nas manifestações poéticas, e quase sempre o tom é promissor, no sentido de que há ainda plenitude e satisfação reservadas a esta época da vida. É como o expressa Afonso Romano de Sant’Anna em seu *Velhice Erótica*:

Estou vivendo a glória de meu sexo
a dois passos do crepúsculo.

Deus não se escandaliza com isto.

O júbilo maduro da carne
me entenece.
Envelheço, sim. E
(ocultamente)

resplandeço. (1999, p.20)

Também Lya Luft se debruça sobre os ganhos da maturidade e reconhece que o que se pode ofertar é talvez menos do que se deseja, mas muito mais do que se imagina. Há promessa de vida, afinal:

Canção na plenitude

Não tenho mais os olhos de menina
nem corpo adolescente, e a pele
translúcida há muito se manchou.
Há rugas onde havia sedas, sou uma estrutura
agrandada pelos anos e o peso dos fardos
bons ou ruins.
(Carreguei muitos com gosto e alguns com rebeldia).

O que te posso dar é mais que tudo
o que perdi: dou-te os meus ganhos
a maturidade que consegue rir
quando em outros tempos choraria,
busca te agradar
quando antigamente queria
apenas ser amada.
Posso dar-te muito mais do que beleza
e juventude agora: esses dourados anos
me ensinaram a amar melhor, com mais paciência
e não menos ardor, a entender-te
se precisas, a aguardar-te quando vais,
a dar-te regaço de amante e colo de amiga,
e sobretudo a força _ que vem do aprendizado.
Isso te posso dar: um mar antigo e confiável
cujas marés _ mesmo se fogem_ retornam,
cujas correntes ocultas não levam destroços
mas o sonho interminável das sereias. (1997, p.151).

Essa perspectiva do amor nos derradeiros anos foi cantada por inúmeros poetas, e está presente também em muitos contos e romances, sugerindo que o inesperado está à espreita, que novas estreias trazem consigo novas aprendizagens, e que surpreender-se só acaba quando acaba a vida. Mesmo com a proximidade do fim há, portanto, um mundo ainda iluminado:

Campo de flores

Deus me deu um amor no tempo de madureza,
Quando os frutos ou não são colhidos ou sabem a verme.

Deus _ ou foi talvez o Diabo _ deu-me este amor maduro,
E a um e outro agradeço, pois que tenho um amor.

[...]

Mas, porque me tocou um amor crepuscular,
há que amar diferente. De uma grave paciência
ladrilhar minhas mãos. E talvez a ironia
tenha dilacerado a melhor doação.

Há que amar e calar.

Para fora do tempo arrasto meus despojos
e estou vivo na luz que baixa e me confunde.
(DRUMMOND, 2006, p.215)

Não menos recorrente que o amor, é o tema ligado à finitude do ser, não raro acompanhado pelo desejo_ tão francamente humano_ da imortalidade. Assim o é em *A velha engolida pela pedra*. Narra a história que uma velha, escondida numa igreja de pedra, pediu socorro a um visitante que lá entrou com o único intuito de estar em local sossegado e tranquilo, fora do mundo e de “suas desacuidadas misérias”. Eis que, já dentro do recinto, ele ouve a voz da velha a suplicar-lhe por ajuda: “A rótula dela estava colada no chão, ela não podia se levantar.” Sozinho e fracassado em suas tentativas de descolar a idosa do lugar, cogitou pedir ajuda igreja afora, do que a mulher o dissuadiu. Contou então a velha que, já cansada de viver, havia orado a Deus pedindo-lhe que a vertesse em pássaro para mais rapidamente ir ao encontro dos céus.

Embalado pelas palavras da velha, o forasteiro adormeceu. Dia seguinte, acordado pelo padre, quis saber o destino da suplicante, que não se encontrava mais lá. “Qual velha?”, inquiriu o sacerdote, colocando o homem dali para fora. “Cabistonto”, à saída da igreja, o enxotado viu um pássaro. Compreendendo ser a velha, acenou-lhe e em retribuição recebeu um sorriso e uma explicação:

que fazes, me despedes? Não, eu não vou a nenhum lado. Foi mentira esse pedido que eu fiz a Deus. Aldrabei-Lhe bem. Eu não quero subir para lá, para as eternidades. Eu quero é ser pássaro é para voar a vida. Eu quero viajar é neste mundo. E este mundo, meu filho, é coisa para não se deixar por nada desse mundo. E levantou voo em fantásticas alegrias. (COUTO, 2012, p.124).

A melancolia engendrada pela proximidade do fim diz respeito ao próprio valor da vida, está intimamente ligada ao bem-viver, isto é, quanto mais intensa e bem vivida, mais dolorosa se configura a partida. Além disso, há uma amargura na constatação de que o restante da vida, das coisas, das pessoas, independe de nossa presença no mundo. “[...] Nada tiramos e nada pomos; passamos e esquecemos; E o sol é sempre pontual todos os dias”, constatava o heterônimo de Fernando Pessoa, Alberto Caieiro.

Affonso Romano de Sant’Anna ensaia sua despedida que, apesar da pungente nostalgia, converte-se em celebração do momento presente:

Não estarei aqui em tardes como essas:

- mulheres airosas e suas soberbas coxas sobre a areia
que outros olharão com devoção intensa.
Falta não farei, a elas
e aos verões que não verei.
[...]

Como antes, o mundo sobreviverá sem mim.
Nunca mais tocarei a cabeleira do entardecer
e as coxas, e os seios e a sua boca.

Há muito que algo em mim começa a se despedir.
Às vezes é nos momentos de mais aguda beleza
que uma parte de mim se vai enquanto
outras ficam num desespero luminoso.

É tocante o espetáculo.

Quando terei a humildade necessária para sair de cena? (1999, p.124).

Se envelhecer é encaminhar-se para o inevitável fim, há que se transformá-lo em experiência espiritual, como ensina a mineira Adélia Prado, em seu poema *O Reino do céu* :

Depois da morte
eu quero tudo o que seu vácuo abrupto
fixou na minha alma.
Quero os contornos
desta matéria imóvel de lembrança,
desencantados deste espaço rígido.
[...]
Eu quero depois, quando viver de novo,
a ressurreição e a vida escamoteando
o tempo dividido, eu quero o tempo inteiro.
Sem acabar nunca mais, a mão socando o joelho,
a unha a canivete _ a coisa mais viril que eu conheci.
Eu vou querer o prato e a fome,
um dia sem tomar banho,
a gravata pro domingo de manhã,
a homilia repetida antes do almoço:
“conforme diz o Evangelho, meus filhos, se
tivermos fé, a montanha mudará de lugar.”
Quando eu ressuscitar, o que quero é
a vida repetida sem o perigo da morte,
os riscos todos, a garantia:
à noite estaremos juntos, a camisa no portal.
Descansaremos porque a sirene apita
e temos que trabalhar, comer, casar,
passar dificuldades, com o temor de Deus,
para ganhar o céu. (2006, p.126-127).

O sagrado, onipresente na obra poética de Adélia, está vinculado não só à espiritualidade, à religiosidade, mas também, e talvez principalmente, à simplicidade do cotidiano, à alegria da família reunida (“à noite estaremos juntos”), aos rituais diários (“a homilia repetida antes do almoço”), aos costumes e valores que engendram a própria vida (“trabalhar, comer, casar”), enfim, o sagrado em Adélia é a existência mesma. Ou, em palavras dela: “A vida é mais tempo alegre do que triste. Melhor é ser “ (Ibidem, p.46).

Ser velho, envelhe(s)er. Temas que não se esgotam, pois, no imaginário criativo de poetas e escritores. Temas que permeiam a literatura porque permeiam, antes, a vida. Ler literatura é, portanto, elaborar-se, (re) conhecer-se, sonhar-se, imaginar-se, relacionar-se, ou, em uma só palavra: humanizar-se. O senhor Silva, afinal, somos todos nós.

DA LITERATURA NA VELHICE

*“Me procurei a vida inteira e não me achei _
pelo que fui salvo.”*

*“A terapia literária consiste em desarrumar a linguagem
a ponto que ela expresse nossos mais fundos desejos.”
Manoel de Barros*

É sabido que a literatura reflete e refrata a própria vida. Admiti-lo é reconhecer que os temas abordados por escritores e poetas são emanações da vida em si. É, pois, nesse sentido que cremos ser a literatura uma consolação, um amparo, não só ao nos preparar para a velhice ou ao nos acompanhar velhice adentro, mas ao longo de toda nossa vida. A literatura nos consola porque nos humaniza.

Ninguém está só quando abre um livro. Se ler é considerado essencial para o desenvolvimento do ser humano, ler durante a velhice pode ser ainda mais essencial. Isso porque a leitura promove inúmeros benefícios mentais, cognitivos, emocionais, psicológicos, espirituais, mas, sobretudo, porque um livro pode ser um interlocutor. Um livro é sempre uma possibilidade de diálogo e, como todo diálogo, é um instaurador de relação, de encontro. Sintetizando no dizer de Perissé: “O contato com a literatura não é mero contato, é encontro. Neste encontro, ocorre a fruição. Fruir é desfrutar, colher os frutos [...]” (2006, p.72).

Para desfrutar é preciso dispor de tempo. Na velhice, o tempo de maneira paradoxal nos falta e nos sobra. Falta-nos na medida em que nos damos conta de que muito há de ficar irrealizável; sonhos e desejos de outrora não cabem mais nos restantes anos. Estranhamente, o mesmo tempo que nos falta é o tempo que agora nos sobra, quando já se vão longe as obrigações com o trabalho e com as provisões familiares, ou quando nosso desejo simplesmente é o de recolhimento. Nessas horas, quando o tempo é definitiva e unicamente nosso, a leitura pode ser

desfrutada como um fruto maduro: com vagar e apreço.

A companhia de um livro revela-se, portanto, mais do que um mero passatempo. Fazer-se acompanhar da literatura é uma forma de existir no mundo. É, nas palavras de Jorge Luis Borges, uma forma acessível de felicidade:

Abstenerse de la literatura, del libro: masoquistas que se castigan no se sabe por que, absteniéndose de esa felicidad que nos queda tan a mano a todos. Sin embargo, La gente renuncia a Ella. Es como si negaram al agua, a la respiración, al sabor de las frutas, al amor, a la amistad. (apud GRITTI, 2002, p.231).

Sim, uma obra de cunho literário não só encanta ou inquieta, acalenta ou atormenta, mas também acolhe, conforta e envolve o leitor, deixando-o mais feliz ou, pelo menos, mais predisposto à felicidade. Do diálogo com o texto, saímos mais plenos, mais contemplativos, mais reflexivos, mais sonhadores, e até mesmo mais lúcidos. Do diálogo com o texto, saímos mais humanizados:

A leitura como exercício dialogal e como descoberta surpreendente da realidade humana promove a lucidez. Intensificamos nosso existir, conscientes dessa intensificação, empregando na leitura nossa capacidade de pensar, imaginar, intuir, lembrar. Compreendemos melhor a incompreensível condição humana, captando os temas vitais (experimentando-os “por dentro”, por assim dizer), temas que brotam das peripécias de um personagem, das aliterações e rimas de um poema, das imagens descritas por um escritor, do sofrimento de um ser ficcional, da alegria de uma criança inventada (PERISSÉ, 2006, p.51-52).

A leitura literária, por todas as suas benesses, também tem caráter terapêutico (“Os delírios verbais me terapêutam”, confirma Manoel de Barros). Existe, inclusive, uma diversidade de estudos acerca desse potencial curativo da literatura e alguns deles revelam ser a biblioterapia um excelente método auxiliar aos tratamentos médicos convencionais, tanto em caso de doenças físicas quanto mentais. A velhice certamente não é uma doença, mas é uma etapa da vida em que muitas doenças acabam por se manifestar. Por isso é que entendemos ser o papel terapêutico da literatura de extrema importância também para o idoso.

A literatura não nos salva da velhice, mas é em si mesma uma forma de salvação. Ler uma obra literária pode nos salvar de nós mesmos na medida em que nos acrescenta, nos expande, e intensifica nosso ser. Para Manoel de Barros, o poeta pantaneiro, “a maior riqueza do homem é a sua incompletude”. Saber-se incompleto é a força motriz para o desejo de superação, de crescimento em direção à plenitude do ser. A literatura é, pois, salvação no sentido de nos guiar, de forma consoladora e humanizadora, em direção ao envelhe(s)er.

E VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE... OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Toda compreensão é poesia,
clarão inaugural que névoa densa

faz parecer velados diamantes.
Em pequenos bocados,
como quem dá comida a crianças,
a beleza retém seu vórtice.
São águas de compaixão
e eu sobrevivo.”
Adélia Prado

Falar do envelhecimento humano numa perspectiva literária foi o intento desta conversa. Desejamos que a importância do hábito e do prazer da leitura tenha se evidenciado nestas linhas, já que “a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.”³

Diz o filósofo austríaco Martin Buber (1967) que o homem só se reconhece como homem no contato com o outro. A medida de nossa humanidade, portanto, é o outro. Quando lemos um livro, o outro é o personagem, é o autor, é o próprio texto, com o qual dialogamos, nos identificamos, nos confrontamos, ou diante do qual, simplesmente, silenciemos. A literatura toca fundo em nossa experiência humana sempre que trata das questões existenciais. A literatura tem, portanto, uma dimensão essencialmente humanista e humanizadora: a de intermediar nosso contato com o outro. De repente, somos.

NOTAS

¹ Mestre em Letras, especialista em Filosofia e em Supervisão Escolar. Docente da Universidade Luterana do Brasil - ULBRA Carazinho.

² As transcrições do livro *a máquina de fazer espanhóis* conservam a mesma grafia do original, no qual é inexistente o uso de maiúsculas.

³ BARROS, Manoel de. *Brincar: um baú de possibilidades*. São Paulo: Instituto Sidarta, 2009.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Encantar o mundo pela palavra*. Campinas: Papirus, 2006.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. 58.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

BUBER, Martin. *Que és el hombre?* México: Talleres de Offset Diana, S.A., 1967.

COUTO, Mia. *O fio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
_____. *Estórias abensonhadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GRITTI, Delmino. *Sobre o livro e o escrever*. Caxias do Sul: Maneco Livraria e Editora, 2002.

LUFT, Lya. *Secreta mirada*. 3.ed. São Paulo: Mandarim, 1997.

MÃE, Valter Hugo. *A máquina de fazer espanhóis*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Memórias de minhas putas tristes*. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

PERISSÉ, Gabriel. *Literatura e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PRADO, Adélia. *Bagagem*. 22.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Textamentos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.